

Editorial

Quando Foucault chega em São Paulo, com o intuito de realizar um curso intitulado *Genealogias da Sexualidade*¹ na Universidade de São Paulo (USP), em outubro de 1975, o Brasil se encontrava em graves conflitos políticos devido às atrocidades da ditadura militar, de um excesso de poder que marcou a história brasileira como os terríveis “anos de chumbo”. A estadia de Foucault foi bem tumultuada nessa época: a população se insurgia contra o governo militar, contra a tortura e assassinato brutal do professor de jornalismo Vladimir Herzog. Os estudantes e a comunidade acadêmica deflagraram greve. Acontecimento que faz Foucault interromper o curso para se juntar aos milhares de manifestantes, indo inclusive à Praça da Sé para participar de um ato ecumênico em nome de Herzog. Como comenta Ernani Chaves em seu prefácio ao livro de Heliana Conde, *Ensaios sobre Michel Foucault no Brasil*: o filósofo francês passou a ser visto desde então no Brasil com desconfiança por parte do governo ditatorial, como um “aliado da subversão”².

Quando agora, em 2025, a *Revista Argumentos* nos abre este espaço para a publicação do dossiê intitulado “Foucault, vidas infames e insubmissas”, nossa intenção é de que após 50 anos da morte de Herzog e da participação de Foucault nos protestos contra a ditadura brasileira, pudéssemos expor aqui as impurezas de uma razão Ocidental que marca a História da Filosofia. Razão implicada em regimes de verdade e em relações ambíguas de poder: seja na proposição biopolítica de fazer viver e deixar morrer ou, ainda, seja na produção de vidas infames, monstruosas e anormais.

Foucault, tal como Maurice Blanchot o imaginou, teria sido um insubmisso pensador “em perigo e que, sem o exibir, teve um sentido agudo dos perigos a que estamos expostos”³. Não parece então ser uma atitude despropositada que em sua primeira aula na USP de 1975, em clima de manifestações políticas frente ao intolerável dos poderes da ditadura no Brasil, ele abrisse corajosamente seu curso não apenas expondo sua apreensão de um poder infinitesimal que nos atravessaria, mas ressaltando, sobretudo, seus efeitos carcerários a serviço de um processo de normalização de nossas condutas. Poder não apenas presente no internamento asilar, nos hospitais, nas prisões, mas numa série de práticas (psiquiátricas, pedagógicas, médicas, amorosas, familiares etc.) integrantes de nosso cotidiano, da nossa “trama fina da existência cotidiana”⁴.

Cabe-nos então a pergunta: se de fato estamos enredados nessa multiplicidade de saberes e de pequenos poderes (*petits pouvoirs*) - ou podres poderes –, quais as aberturas vitais,

¹ Curso Publicado pela editora Vrin em 2025 e que pode ser consultado no *Fonds Foucault* da Biblioteca Nacional da França. Cf. FOUCAULT, M. *Généalogies de la sexualité*. Paris: Vrin, 2025. Textos organizados sob a direção de Jean-François Braunstein, Arnold I Davidson e Daniele Lorenzini.

² CONDE RODRIGUES, H. B. *Ensaios sobre Michel Foucault no Brasil*: presença, efeitos, ressonâncias. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2020. p. 12.

³ BLANCHOT, M. *Foucault como o imagino*. Lisboa: Relógio D’água, 1987. p. 18.

⁴ LORENZINI, D.; FRUCHAUD, H-P; DAVIDSON, A. “Introduction”. p. 22. In: FOUCAULT, M. *Généalogies de la sexualité*. Paris: Vrin, 2025.

as lufadas de ar, “as virtualidades de um deslocamento, de uma modificação de um quadro, e do modo de vida, de uma transformação de si”⁵, que poderiam advir de um modo insubmissô de filosofar à la Foucault?

É numa conferência em Tóquio (1978) onde Foucault ressalta que uma das funções do filósofo no Ocidente seria a compreensão de que a atitude filosófica serviria para colocar um limite ao excesso de poder, evidenciando as relações de poder no ponto em que seu exercício ilimitado começa a se tornar perigoso, trazendo-nos sérios riscos. Entretanto, é com uma “cômica amargura”, que Foucault observa como a própria filosofia ocidental, em sua formulação moderna e europeia, teria paradoxalmente se vertido na justificação de formas excessivas de poder, desde Hegel assimilado pelo regime de Bismarck ao fato tragicômico das obras de Nietzsche serem presenteadas por Hitler a Mussolini⁶. Diante disso, por que ainda acentuar o caráter insubmissô da filosofia?

Foucault pensa assim que o papel da filosofia estaria justamente em se colocar ao lado do contrapoder. Filosofar, como inflexão de um contrapoder, diz de uma atitude crítica que não mais se ocuparia em determinar as “leis” da filosofia, nem muito menos em formulá-la como profecia ou pedagogia⁷. Não à toa que a filosofia foucaultiana tenha fomentado um amplo campo de combate contra o espaço asilar no rastro da sua *História da Loucura*; contra os discursos grotescos, ubuescos na constituição do monstro humano e das existências infames; contra as classificações da injunção médico-jurídica atribuída aos anormais; contra as prisões na sociedade punitiva; contra a implantação perversa das *scientia sexualis* em nossas vidas no contexto da *História da Sexualidade* etc.

Sob as ferramentas críticas de Foucault, à filosofia cabe uma atitude política fundamental: tornar visíveis as lutas em torno do poder, “intensificar as lutas”, “as estratégias dos adversários”, “as táticas utilizadas, os focos de resistência”⁸. Isto é, a filosofia, tal como Foucault a formulou, faz-se como um processo análogo às reações químicas, como agitação do pensamento frente aos poderes cotidianos. Assim, o pensador das microfísicas do poder, de suas variações infinitesimais, ressalta que as questões que nos atravessam, a despeito do que sonha e imagina nossa vã filosofia, se formulam no ardor de nosso presente, no sentido de saber o que será feito de nós quando formos jogados em um hospital, o que ocorrerá com a nossa razão ou com nosso julgamento a partir do que disserem sobre nossa sanidade, o que nos tornaremos quando ficarmos loucos ou doentes⁹.

O passo de insubmissão de Foucault frente a tais questões, frente aos excessos e limites do poder, indica não estar propriamente no modo de “fazer respeitar” nossa liberdade e direito, nem de entrarmos em confronto no interior de jogos de poder já programados para perdermos, mas diz de resistir ao jogo, inclusive, pela nossa própria recusa de entrarmos no jogo. Sobretudo, o pensador da caixa de ferramentas indica que resistir ao poder implica a criação política de outros jogos, novas relações éticas, transformação de espaço por suas margens, suas fronteiras. Filosofar nas margens é assim hibridar a própria filosofia por seus limites mais austeros, provocá-la criticamente em variações monstruosas, expansões, deformações.

⁵ LAVAL, C. Foucault e a experiência utópica. In: FOUCAULT, M. *O enigma da Revolta*: entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana. São Paulo: N-1 edições, 2018.

⁶ FOUCAULT, M. “A filosofia analítica da política”. p. 41. In: FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política. Ditos & Escritos*, Vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

⁷ FOUCAULT, M. “A filosofia analítica da política”. p. 42.

⁸ FOUCAULT, M. “A filosofia analítica da política”. p. 42.

⁹ FOUCAULT, M. “A filosofia analítica da política”. p. 45.

A insubmissão foucaultiana diante das margens não se formula, portanto, como uma “violência em um mundo partilhado” ou como uma conquista ou triunfo sobre “limites apagados” de um outro mundo¹⁰. Noutras palavras, estarmos nas margens com Foucault e seus aliados filosóficos apresenta-se como um modo de filosofar que se atrela a desobstrução de passagens. Ademais, compreendemos as margens como “contraespaços” ou “espaços de contestação”¹¹ ao passo que a partir desse lugar incerto se possam abrir novos horizontes. As margens em questão não são, contudo, as da separação e exclusão frente a um território conquistado. Assim, quem está às margens não pode esquecer, como diz Diogo Sardinha no artigo “Deleuze et Foucault, philosophes du *contre et de l’anti*” – traduzido generosamente para este dossiê por Daniela Lima –, que “no centro de tudo está o combate” (grifo nosso).

Fernando Gimbo, no artigo também aqui publicado “*La vraie vie est absente*”: da relação entre sujeito e verdade a partir de Foucault e Badiou”, diz que se a crítica, como filosofia, se lança contra as verdades e os poderes, “não é para dizer que tudo se equivale, mas porque em um mundo como o nosso, aquilo que vale só pode fazer-se valer desafiando a verdade do poder”. Para isso, é preciso, ainda como nos lembra Foucault em seu *Prefácio* (1977) ao *Anti-Édipo*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que na filosofia, mesmo às margens, é preciso “ne tombez pas amoureux du pouvoir”¹².

O presente dossiê, “Foucault: vidas infames e insubmissas”, traz assim artigos em variações e combates aliados ao pensamento de Foucault, escritos por Ada Kroef, Alex de Souza, André Duarte, Bruna do Carmo Reis Lira, Caio Souto, Cassiana Stephan, Cláudio Medeiros, Cristiane Marinho, Daniela Lima Barros, Diogo Sardinha, Ernani Chaves, Fernando Gimbo, Giovana Temple, Gustavo Silva dos Santos, João Gustavo Kienen, Lucas Dilacerda, Luis Celestino, Luiz Manoel Lopes, Malcom Rodrigues, Marcos Nalli, Maria Rita de Assis César, Pedro Grabois, Rafael Lima Barros e Regiane Collares.

Agradecemos assim a todas/os/es autores que contribuíram com este dossiê, também ao fundador da *Argumentos*, Odílio Alves Aguiar, ao editor geral, Hugo Filgueiras, pelos espaços outros de acolhimento, à revisão atenta e disponibilidade amiga de Nathesquia Brígido, ao cuidado da editoração e ao espírito filosófico de Lara Rocha e à equipe técnica responsável por manter a revista “no ar”.

Gostaríamos, por fim, de agradecer aos participantes da pesquisa “Modos de Subjetivação e Biopolítica: Vidas em situação de Vulnerabilidade”, pelas discussões, afetos e compartilhamentos. Este grupo de pesquisa conta com apoio e financiamento da FUNCAP.

Esperamos que tenham uma ótima leitura!

Ada Kroef (UFC),
Cristiane Marinho (UECE),
Regiane Collares (UFC)
Roberta Damasceno (UVA)
(*Editoras*)

¹⁰ FOUCAULT, M. “Prefácio à Transgressão”. p. 32-33. In: FOUCAULT, M. *Estética: Literatura, Pintura, Música e Cinema. Ditos & Escritos*, Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

¹¹ FOUCAULT, M. *O corpo utópico, As heterotopias*. Tradução de Salma T. Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013.

¹² FOUCAULT, M. *Dits et écrits*, Vol. 2. Paris: Gallimard, 2001. p.136.